

ORIENTAÇÕES PARA A INTERPRETAÇÃO DE NARRATIVAS BÍBLICAS

*Tarcízio José de Freitas Carvalho**

RESUMO

Este artigo almeja explicitar alguns aspectos literários básicos encontrados nas narrativas bíblicas, equipando o leitor com ferramentas que permitirão observar novos ângulos de conhecidas histórias da Bíblia. Uma vez que mais de um terço da Escritura compõe-se de narrativas, será interessante e importante apropriar-se de algumas ferramentas de trabalho de leitura.

PALAVRAS-CHAVE

Narrativa; Análise literária; Interpretação; Sistema verbal hebraico; Bíblia; História da redenção.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo almeja explicitar alguns aspectos literários básicos encontrados nas narrativas bíblicas, equipando o leitor com ferramentas que permitirão observar novos ângulos de conhecidas histórias da Bíblia. Uma vez que mais de um terço da Escritura compõe-se de narrativas, será interessante e importante apropriar-se de algumas ferramentas de trabalho de leitura.

Estas ferramentas utilizadas para uma leitura minuciosa¹ do texto bíblico podem ser bastante complexas. Os estudiosos apresentam abordagens e instru-

* Professor assistente de Antigo Testamento no CPAJ. É graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, mestre em Teologia Exegética (Antigo Testamento) pelo CPAJ e graduado em Filosofia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É mestre em Metodologia da Pesquisa pela Universidade Livre de Amsterdã e doutorando em Antigo Testamento na mesma universidade.

¹ Ver a nota 8 sobre “close reading” (leitura minuciosa) em CARVALHO, T. J. A abordagem linguística textual e os estudos do Antigo Testamento. *Fides Reformata* XIII:1 (2008), p. 89.

mentos distintos, mas há um grupo de características literárias acerca das quais há pleno acordo. O modelo de leitura literária apresentado será o de Shimon Bar-Efrat em sua obra *Narrative Art in the Bible*.²

Uma vez que a Bíblia é uma narrativa teológica, antes de mencionar as características literárias de Bar-Efrat é necessário esclarecer alguns pressupostos teológicos deste artigo que orientam a leitura de histórias a partir do grande quadro chamado a história revelada de Deus, e elucidar também quais eventos fizeram com que a academia se distanciasse do texto bíblico, e como se deu o retorno a ele.

A riqueza literária encontrada nas páginas da Bíblia são tesouros de sabedoria.³ Em parte, isto se relaciona à realidade de que todos gostam de ouvir boas histórias. Histórias como as bíblicas produzem uma percepção de totalidade – diversas pessoas, em contextos diferentes, mas uma problematização que nos irmana a todos!

Este atilamento de que uma boa história constitui uma combinação de narrativas individuais – algumas mais explícitas, outras mais ocultas – desafia-nos a supor que há uma grande narrativa que nos inclui a todos.⁴

Costuma-se chamar esta grande narrativa, no contexto cristão, de história da redenção.⁵ É o plano de Deus para a história, para os eventos que se desenrolam depois que ele mesmo presenteou as pessoas com a criação do tempo e do espaço. Mas alguém perguntaria: “Redenção do quê?” Resumindo uma longa história, redenção da criação; mais especificamente, redenção da criação incluindo a humanidade. A redenção da criação e da humanidade é um processo histórico, e diversos pontos desta história representam estágios neste desenvolvimento que caminha para uma consumação.⁶

² BAR-EFRAT, S. *Narrative art in the Bible*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1989.

³ FOKKELMAN, J. P. *Reading Biblical narrative: an introductory guide*. Louisville, KY: Westminster John Knox, 1999, p. 20-29.

⁴ WALSH, J. T. *Old Testament narrative: A guide to interpretation*. Louisville, KY: Westminster John Knox, 2010, p. xi. Um ponto de vista que contesta a compreensão de universalidade pode ser visto em COBLEY, P. *Narrative*. London: Routledge, 2001, p. 56ss.

⁵ A terminologia “história da redenção” tem como pano de fundo a “teologia federal”. Ver BARTH, K.; BROMLEY, G. W.; TORRANCE, T. F. *Church dogmatics*. London: Continuum International Publishing Group, 2004, p. 55-64. Ver ainda HORTON, M. S. *Covenant and eschatology: the divine drama*. Louisville, KY: Westminster John Knox, 2002, p. 232-35.

⁶ Ver a interessante observação de Stephen Prickett em PRICKETT, S. *Origins of narrative: the romantic appropriation of the Bible*. Cambridge: University Press, 1996, p. 55, de que a “Bíblia reflete parte da mentalidade judaica, na qual seres humanos estão em constante diálogo com Deus, procurando explicações e respostas. Não é de surpreender então que, em nossa cultura baseada na Bíblia, as expectativas inerentes de um livro incluíssem não apenas a narrativa, como também a revelação”. Leia sobre esta perspectiva da criação à consumação na excelente coleção de VAN GRONINGEN, G. *Criação e consumação*. 3 vols. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, 2006, 2008.

1.1 Uma criação boa

Esta redenção foi precedida por uma criação boa. A ideia é que o cosmos foi criado e organizado por Deus para que fosse um lugar bom para a habitação humana, também criação sua. Assim, ambos, cosmos e ser humano foram criados perfeitos. Esta criação com o ser humano nela seria o templo,⁷ a casa de Deus, seu reino terrestre (Gênesis 1). As pessoas seriam sacerdotes e supervisores da criação. Por meio de uma aliança com Deus, o primeiro rei, Adão, recebeu as capacitações e promessas de vida, bem-estar e a advertência de que ouvir outras vozes que não a do próprio Deus seria mortal (Gênesis 2).

1.2 O tropeço, a queda desta criação

A primeira realeza ouviu outras vozes e entendeu que elas tinham algo melhor a oferecer do que Deus mesmo! O resultado é que a advertência de Deus era verdadeira e a morte e as inúmeras dificuldades seriam uma realidade dura, triste e sofrida na vida humana. Como tirá-los dessa situação – a eles, os primeiros reis Adão e Eva, e a todos os seres humanos gerados por eles, o que nos inclui (Gênesis 3)?

Aqui é onde a história da redenção torna-se claramente uma necessidade. Quem contaria que a queda dos primeiros reis afastou o ser humano de Deus? Quem ouviria a voz de Deus e contaria aos outros que o reino de Deus é a melhor escolha? E quem anunciaria que a raça humana está sob ameaça de extinção nesta terra se não ouvir a voz do Criador? Quem vai relatar que este cosmos é interessante, mas está quebrado e não funciona adequadamente? Quem vai explicar que tudo está sendo restaurado e se concretizará na consumação final?

1.3 A redenção desta criação

Deus exerceu misericórdia e perdoou os primeiros reis. O Criador renovou os papéis e funções que lhes designara, e mesmo em meio a um mundo quebrado e com seres humanos pecadores, continuou com seu plano de mostrar e estabelecer o seu reino. O plano da redenção revelado inclui a vinda de alguém, um redentor, que restauraria a raça humana: a) a uma comunhão direta com Deus, b) a um serviço alegre prestado neste cosmos e c) a um relacionamento adequado entre pessoas.⁸

⁷ WALTON, J. H. *The lost world of Genesis one: Ancient cosmology and the origins debate*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009, p. 84.

⁸ VAN GRONINGEN, G. *Revelação messiânica no Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 1995, p. 93-98.

1.4 Por que os pressupostos teológicos são importantes?

Os pressupostos teológicos são importantes porque o restante da Bíblia, depois destas narrativas em Gênesis, capítulos 1 a 3, são histórias de como a humanidade lidou com a redenção que Deus estava, está e estará executando até que tudo seja restaurado. São histórias de seus representantes reais: alguns, líderes a quem Deus chamou para continuar seus planos, e outros, que se parecem com o que se chama de gente comum – representantes reais que ouvem a sua voz. A história da redenção inclui ainda os que se rebelam contra o Criador e aqueles que tropeçam pelo caminho e são restaurados por Deus.

O Novo Testamento registra que o descendente prometido lá no primeiro livro de Gênesis é Jesus Cristo – o Deus-homem (Gl 3.16). Ele é a figura humana mais importante em toda a história da redenção. Ele é quem começou a restauração do cosmos a fim de que seja aquele reino terrestre projetado por Deus. O seu trabalho continua ainda agora, quando ele não está fisicamente aqui na terra. Ele dará a obra como terminada quando retornar em sua majestade divina (Jo 19.30; Mt 24.3; Hb 12.2).

Em virtude disso, entender a história da redenção como um todo é condição *sine qua non* para entender as pequenas histórias encerradas na Bíblia. Com isto não estou afirmando que alguém não possa entender o sentido de certa história em particular; entretanto, sustento que tal leitura não verá o grande cenário e, conseqüentemente, não perceberá o impacto que seja ignorar a história da redenção. Este modo de abordagem se identifica com a compreensão pré-crítica acerca da inspiração e autoridade da Escritura, mas não é uma aproximação ingênua e obtusa por não desconsiderar outras formas de estudo que partem de pressupostos religiosos diferente deste.

Propostas que não partem de Deus como a fundação essencial (*principium essendi*), da Escritura como a base cognitiva externa (*principium cognoscendi externum*) e do Espírito Santo como o princípio interno do conhecimento (*principium cognoscendi internum*) podem ainda assim descobrir e sistematizar muitos dados. Entretanto, sem partir dos princípios elencados será como uma descoberta sem brilho e sem a glória dada a Deus. Nas palavras de Tomás de Aquino, citado por Bavinck,

se nossos olhos não forem preenchidos com o brilho solar, como veremos a luz? (...) O Logos que brilha no mundo deve permitir que sua luz brilhe em nossa consciência. Esta é a luz da razão, o intelecto, o qual, ele mesmo originando-se no Logos, descobre e reconhece o Logos nas coisas.⁹

⁹ BAVINCK, H.; BOLT, J.; VRIEND, J. *Reformed dogmatics*. Vol. 1: *Prolegomena*. Grand Rapids: Baker Academic, 2003, p. 233.

Como se pode perceber, não há ingenuidade em assumir em última instância que somente Deus pode capacitar o ser humano a reconhecer a verdade. Nas palavras do salmista: “Há muitos que dizem: Quem nos dará a conhecer o bem? SENHOR, levanta sobre nós a luz do teu rosto” (Sl 4.6).

Assim, o *principium cognoscendi internum*, que é um dom de Deus (At 2.38), é um pressuposto deste artigo como o fundamento necessário para enxergar as oposições hermenêuticas e redimir verdades de quaisquer lados no debate hermenêutico (Jo 8.31-32).

2. A REDESCOBERTA DAS NARRATIVAS BÍBLICAS

Embora a Escritura seja este registro especializado da revelação de Deus, nem sempre seu conteúdo foi lido com o intuito de ouvir a sua voz, ou de ter a vida transformada, ou ainda, por reconhecer que as palavras de Deus são uma direção para a vida e até mesmo um novo estilo de vida.

Esta não é uma afirmação surpreendente. O povo que Deus acabara de livrar do Egito recebera também instrução clara através de Moisés: a cada sete anos as instruções dadas por Deus deveriam ser do conhecimento de todos (Dt 31.10). Ainda assim, não raras vezes o povo de Israel recebeu duras reprimendas por não desejar ouvir a voz do Criador, não lendo as Escrituras e, conseqüentemente afastando-se de Deus (Jz 3.7; 1Sm 12.9; Is 17.10; 51.13; Jr 3.21; Ez 23.35; Os 4.6 e outras passagens).

O período entre os séculos 12 a.C. e 1º d.C. se parece com uma curva senoidal com altos e baixos, mas em geral ambos com um mesmo referente: ouvir ou não ouvir a voz de Deus conforme registrada pelos seus servos, os profetas. Herman Bavinck destaca que após o século 1º d.C. o cristianismo gradualmente passou a experimentar oposição por parte da cultura pagã, além de oposição científica, forçando-o à reflexão e à apologética.¹⁰ Ainda de acordo com Bavinck, os principais oponentes científicos foram Celso, Porfírio, Fronto, os amigos de Aurélio e posteriormente Juliano (o “apóstata”), que, como está claro na refutação de Cirilo de Alexandria, *Contra Juliano*, escreveu um livro contra os cristãos. A maioria dos argumentos contra o cristianismo pode ser encontrada nestes autores mencionados acima. Argumentos, por exemplo, contra a autenticidade e veracidade de diversos livros da Bíblia, contra a revelação e milagres em geral, contra dogmas tais como a encarnação de Cristo, sua ressurreição e a condenação eterna.

Estes episódios deixaram marcas profundas a partir do século 4º d.C., marcas que voltariam à superfície muitas vezes nos séculos vindouros, especialmente no século 19. Durante este longo período possuía-se a Bíblia, mas sua leitura esteve mais voltada a solucionar querelas dogmáticas e científicas,

¹⁰ Ibid., p. 121.

e assim defender a fé cristã dos constantes ataques. Tzvetan Todorov aponta de forma interessante como isto pode ocorrer em qualquer área. Ele comenta: “... quando os marxistas e os psicanalistas tratam de uma obra literária, não estão interessados no conhecimento dessa obra ela mesma, mas no conhecimento de uma estrutura abstrata, social ou psíquica, que se manifesta através da obra”.¹¹ Hans Frei destaca que o discurso hermenêutico da modernidade passou a conceber as narrativas como manifestações da presença divina, como fontes de reconstrução histórica, como articulações de ansiedades de seus autores, como bases para imperativos morais ou como textos de prova.

A aporia posta por Frei relaciona-se com o *locus* do significado na Escritura. Em meio aos embates apologéticos e ao pêndulo literal/alegórico, o lugar do significado da narrativa veio a ser reiterado pelos reformadores do século 16, situando-o na própria narrativa. Nesta compreensão pré-crítica, o significado da história era o sentido literal e claro encontrado na própria história. Com o despertar da crítica histórica e com a indisposição do Iluminismo em aceitar milagres registrados nas Escrituras, houve um deslocamento e o significado da narrativa saiu do nível verbal para fora das páginas do texto. O significado estaria, neste deslocamento, nas ideias. Se ainda pudesse estar na história, esta deveria ser verificável. Ao estar, porém, nas ideias, o texto seria transformado em uma alegoria ou em um mito que representaria algo discernível pela razão – e que necessariamente estaria em outro lugar e não na literalidade do texto bíblico. Por volta do século 18, a compreensão da narrativa mostrou claramente uma cisão que já rondava os processos hermenêuticos. De um lado estava a narrativa bíblica e de outro o assunto dela, ou seja, o sentido literal *versus* a referência histórico-real – em suma, os textos bíblicos não mais traduziam a realidade da história que retratavam.¹²

Em certo sentido, críticos e conservadores envolveram-se neste mundo fora do texto. Por exemplo, a busca por um autor culminou em uma apologia autoral e a contextualização histórica desembocou em uma apologia da historicidade. Estes aspectos, conquanto importantes, alijaram por um pouco a abordagem do texto *qua* texto. A investigação crítica provocava uma reação conservadora apologética e ambas estavam longe até mesmo do que havia de saudável na compreensão pré-crítica.

Entretanto, houve um momento no campo dos estudos bíblicos no qual as histórias bíblicas passaram a ser objeto de pesquisa por seus próprios méritos. Este interesse, vale ressaltar, é marcado por um entrelaçamento de modelos e descobertas nos estudos do Antigo Testamento.

¹¹ TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970, p. 80.

¹² FREI, H. W. *The eclipse of Biblical narrative: a study in eighteenth and nineteenth century hermeneutics*. New Haven, CT: Yale University Press, 1974, p. 51-65.

2.1 Modelos entrelaçados para estudar a língua hebraica

Hoje seria uma tautologia afirmar que uma língua precisa ser estudada a partir de seus próprios méritos. Entretanto, nem sempre foi assim. Christo van der Merwe esclarece que “o século 11 é considerado como a era dourada da gramática do hebraico bíblico. Naqueles dias estudiosos judeus falantes do árabe na Espanha debateram questões da gramática hebraica até mesmo em grandes eventos”.¹³ Van der Merwe prossegue sua análise comentando que infelizmente, porém, havia um molde aceito pela academia de então, o molde latino de gramática. Naquele molde, a gramática, a retórica e a poética eram três áreas distintas. O modelo daqueles estudiosos judeus que residiram na Espanha era um molde no qual a retórica e a poética eram partes integrantes da gramática. O retorno às fontes no século 16 fez com que houvesse muitos estudiosos cristãos envolvidos com o estudo do hebraico bíblico. Nessa época a academia europeia ainda utilizava o molde latino de gramática. O Iluminismo de dois séculos depois apresentou um cenário de sedimentação do molde latino. Neste período estudos filológicos e comparativos marcavam a academia.¹⁴ As gramáticas terminavam por oferecer um bom preparo em morfologia, mas muito pouco em sintaxe. Este fenômeno atravessou mais dois séculos e muitas das gramáticas produzidas nos séculos 19 e 20 foram gramáticas tradicionais baseadas em sentenças.¹⁵

A mudança de modelo fez com que os dados da língua hebraica fossem acessados de modo que os estudiosos passassem a realizar uma leitura mais precisa do texto.¹⁶ Consequentemente as narrativas com suas repetições, ocultamentos, exageros na identificação de certos personagens, etc., passam a ser lidas não como problemas a serem vencidos, mas como aspectos literários a serem compreendidos.

2.2 As descobertas no campo linguístico

Alem do problema de modelo comentado acima, novas soluções apareciam fora do campo dos estudos bíblicos, mas que o afetavam profundamente.

¹³ VAN DER MERWE apud BERGEN, R. D. *Biblical Hebrew and discourse linguistics*. Dallas, TX: Summer Institute of Linguistics, 1994, p. 1-20.

¹⁴ WALTKE, B. K.; O’CONNOR, M. P. *An introduction to Biblical Hebrew syntax*. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1990, p. 31-40.

¹⁵ KÖNIG, E. *Hebräische Grammatik für den Unterricht mit Übungsstücken und Wörterverzeichnissen*. J. C. Hinrichs, 1908; BAUER, H.; LEANDER, P.; KAHLE, P. *Historische Grammatik der hebräischen Sprache des Alten Testaments*. G. Olms, 1965; JOÛON, P. *Grammaire de l’hébreu biblique*. Gregorian & Biblical BookShop, 1996; RUNNING, L. G.; BERGSTRÄSSER, G. *Hebräisches Wortregister zur Hebräischen Grammatik*. G. Olms, 1968; GESENIUS, W.; KAUTZSCH, E.; COWLEY, A. E. *Hebrew grammar*. Clarendon Press, 1898.

¹⁶ CARVALHO, op. cit., p. 91-95.

Uma escola especificamente produziu muitos frutos: o estruturalismo. John Lyons acertadamente aponta que o aspecto focal do estruturalismo foi

que cada linguagem é uma estrutura relacional singular, ou um sistema, e que as unidades que identificamos, ou postulamos, como construtos teóricos, ao analisar a sentença de uma dada língua (sons, palavras, significados, etc.) derivam sua essência e existência de suas relações com outras unidades no mesmo sistema de linguagem... as unidades linguísticas são apenas pontos em um sistema, ou rede de relações; elas são os terminais destas relações, não possuindo existência independente anterior.¹⁷

O estruturalismo alcançou diversas esferas.¹⁸ Os principais autores que seguiram uma trajetória mais científica desta corrente estruturalista foram Claude Lévi-Strauss (antropologia), Algirdas-Julien Greimas (semiótica) e Jacques Lacan (psicanálise). Roland Barthes, Gérard Genette, Tzvetan Todorov e Michel Serres enveredaram por um estruturalismo semiológico, enquanto que Louis Althusser, Michel Foucault, Jacques Derrida e Jean-Pierre Vernant caminharam por uma vertente estruturalista filosófico-histórica.¹⁹ O estruturalismo de certa forma teve a dianteira entre os anos 50 e 80 do século 20. Novos estudos avançaram esta proposta em face de o estruturalismo lhes parecer muito mecânico, sem espaço adequado ao sujeito, ao leitor (lembre-se aqui dos deslocamentos apontados por Frei). Esta nova abordagem que pode ser chamada de pós-estruturalismo teve como cerne a reabilitação do ponto de vista do sujeito, a preocupação com a audiência, com o leitor.²⁰

Em suma, pode-se afirmar que o cerne da mudança paradigmática nos estudos linguísticos se deu em virtude de ângulo. Os estudos se voltaram de uma gramática teórica para uma gramática pensada a partir do usuário da linguagem. Ou seja, a sentença continua importante, mas em virtude desse deslocamento as perguntas passaram a ser outras. Por exemplo, como as sentenças se interconectam? Percebe-se que não basta apenas saber o uso de um termo, ou a sua classificação gramatical, e nem mesmo o tipo de sentença no qual tal termo esteja inserido. O significado de palavras passa a ser analisado dentro do ambiente de linguagem ao qual a palavra pertence. Com isto passa-se a discernir com mais precisão como as diversas sentenças compõem um

¹⁷ LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: University Press, 1977, p. 231-32.

¹⁸ Para uma leitura informativa sobre as principais concepções linguísticas, ver LEPSCHY, G. C. *A lingüística estrutural*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

¹⁹ DOSSE, F. *História do estruturalismo*. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p. 25.

²⁰ MATTELART, A.; MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 102.

discurso coeso e coerente. Algumas gramáticas da língua hebraica e artigos em revistas especializadas passaram a incorporar os novos paradigmas.²¹

Ainda assim, o nó górdio no estudo da língua hebraica permaneceu por algum tempo no mesmo lugar, como descrito por Leslie McFall,²² ou seja, como lidar com as conjugações do hebraico bíblico com respeito às oposições semânticas entre *qatal/yiqtol* e *wayyiqtol/weqatal*.²³ Além destas questões, outras passaram a compor este quadro de investigação, como quais são as funções do (we)-x-qatal – (we)-x-yiqtol. As soluções e debates são antigos neste campo. Gramáticos judeus antigos²⁴ atribuíram o valor “tempo” à oposição *qatal/yiqtol* (passado e futuro). Entretanto, a partir do final do século 19 estudos do sistema verbal hebraico passaram a atribuir o valor de “aspecto” àquela oposição (completo e incompleto). Esta compreensão do século 19 ainda é a utilizada por muitos gramáticos contemporâneos.²⁵ Bem, o debate acerca do tema “tempo”/”aspecto” continua, e junto com ele acrescentou-se o debate acerca da posição do verbo na sentença, se isto serviria como marcador de modalidade.²⁶

O intuito deste artigo é apresentar uma proposta de análise literária simples. Isto não significa que detalhes do discurso nas línguas hebraica e grega não precisem ser verificados. Embora os aspectos mencionados no parágrafo anterior sejam mais avançados, aqueles que pretendem tirar o melhor da narrativa bíblica precisarão das línguas bíblicas originais e destas discussões para obter o melhor das histórias bíblicas.

²¹ Exemplos claros disso são JOÜON, P.; MURAOKA, T. *A grammar of biblical Hebrew*. Gregorian & Biblical BookShop, 2006; WALTKE, B. K.; O’CONNOR, M. P. *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax*. Eisenbrauns, 1990; NICCACCI, A. *The syntax of the verb in Classical Hebrew prose*. London: Continuum International Publishing Group, 1990; ZEVI, T. *Parenthesis in Biblical Hebrew*. Leiden, The Netherlands: Brill, 2007.

²² MCFALL, L. *The enigma of the Hebrew verbal system: solutions from Ewald to the present day*. Sheffield, England: Almond Press, 1982.

²³ FURULI, R. *New understanding of the verbal system of classical Hebrew: an attempt to distinguish between semantic and pragmatic factors*. Oslo, Norway: Awatu Publishers, 2006.

²⁴ Estudiosos judeus modernos ainda mantêm esta posição, como BLAKE, F. R. *Resurvey of hebrew tenses (A)*. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1968, e BLAU, J. *Topics in Hebrew and Semitic linguistics*. Jerusalem: Magnes Press, The Hebrew University, 1998.

²⁵ ENDO, Yoshinobu. *The verbal system of classical Hebrew in the Joseph story: an approach from discourse analysis*. Unpublished PhD thesis, Bristol, 1993, p. 373-377; LAMBDIN, T. O. *Introduction to Biblical Hebrew*. London: Darton, Longman and Todd, 1973, pode ser considerada uma das primeiras tentativas à luz do “discurso”, uma vez que esta abordagem se preocupa com as relações, indo além das orações de forma isolada.

²⁶ CALLAHAM, S. N. *Modality and the Biblical Hebrew infinitive absolute*. Otto Harrassowitz Verlag, 2010; COFFIN, E. A.; BOLOZKY, S. *A reference grammar of modern Hebrew*. Cambridge: University Press, 2005. Para quem desejar ler mais sobre valência verbal (outra forma de estudar os verbos do hebraico bíblico em termos de suas associações), ver LEAVINS, D. C. *Verbs of leading in the Hebrew Bible*. The Catholic University of America. ProQuest, 2008, p. 5-11.

2.3 *Os debates sobre modelos e abordagens linguísticas e a narrativa bíblica*

Para que uma história seja entendida é preciso ser um leitor competente em determinada língua:²⁷ discernir a sua ordem de palavras, quais são seus marcadores sintáticos, que funções eles exercem além do aspecto dêitico,²⁸ detectar os participantes no discurso, especialmente como ocorre sua especificação, etc. A tentativa de responder estas questões reconsiderando o *corpus* do Texto Massorético fez com que diversas hipóteses pudessem ser testadas, especificamente no campo da narrativa bíblica.²⁹

3. ASPECTOS LITERÁRIOS POR SHIMON BAR-EFRAT

Agora, de volta à proposta feita na introdução. Bar-Efrat, em seu livro *Narrative Art in the Bible*, concentra seus esforços em mostrar aspectos literários simples que são encontrados nas narrativas. Ele o faz, em suas palavras, “de acordo com a tendência prevaiente nos estudados literários... principalmente quanto aos aspectos estrutural e formal das narrativas bíblicas”.³⁰ Seu objetivo encontra sintonia com o objetivo deste artigo, pois ao prestar atenção aos métodos, estruturas e formas o leitor estará equipado com ferramentas que o auxiliarão a obter mais clareza na interpretação da narrativa. Em outro artigo serão trabalhados os aspectos técnicos da língua hebraica que dão sustentação a estas análises literárias.

Esta leitura mais detida da história bíblica não é uma abordagem “antiga” da época em que Bar-Efrat escreveu seu livro. Aproximações ao texto mais contemporâneas sustentam a máxima de que “escolha implica em significado”. Ou seja, o processo comunicativo é sempre o resultado de escolhas – o

²⁷ Leitor competente é aquele que lê com compreensão em um nível literal e também é capaz de ler além do texto, nas entrelinhas. Consegue inferir e deduzir os significados ocultos e implícitos. Pode ainda comparar o mundo do texto às suas próprias experiências e é capaz de fazer comentários simples sobre o ponto de vista de um escritor. Obtém, mesmo em gêneros diferentes, os pontos relevantes de uma história e consegue identificar e fazer comentários sobre o uso que determinado escritor fez da linguagem. Tzvetan Todorov acreditava, corretamente, que um leitor comum é capaz de entender uma intriga, e se propôs a fornecer subsídio para que o façam melhor, entendendo sua estrutura. Ver TODOROV, op. cit., p. 84.

²⁸ Em linguística, *deixis* (do grego, “demonstração” ou “referência”) refere-se à compreensão do significado de palavras a partir de informação contextual. Como, por exemplo, utilizam-se pronomes em lugar de nomes em um discurso. Um leitor competente saberá quem é o referente a partir das informações contextuais.

²⁹ Ver, especialmente, VAN DER MERWE apud WOLDE, E. J. VAN. *Narrative syntax and the Hebrew Bible: papers of the Tilburg Conference 1996*. Leiden: Brill, 2002, p. 10-17. Merwe apresenta panoramicamente diversas propostas no campo do sistema verbal hebraico, especificamente na compreensão da narrativa. Ver ainda o excelente trabalho de NICCACCI, A. *The syntax of the verb in Classical Hebrew prose*. London: Continuum International Publishing Group, 1990.

³⁰ BAR-EFRAT, op. cit., p. 10.

que incluir, o que é prioritário, a ordem dos eventos, como representar o que se quer dizer.³¹

Bar-Efrat subdivide a narrativa em cinco aspectos:

- 1) O narrador
- 2) Os personagens
- 3) O plano
- 4) O tempo e o espaço
- 5) O estilo

Cada um destes aspectos recebe dele uma boa quantidade de informações e exemplos. No final do livro ele utiliza sua própria proposta ao analisar a história de Amnon e Tamar. Apresento abaixo algumas definições em forma resumida de cada um dos cinco aspectos propostos por Bar-Efrat.

3.1 O narrador

A principal característica do narrador literário é que ele está imerso no texto, sendo em alguns casos até mesmo onisciente. A melhor maneira de entender seu modelo de narração é examinando seu ponto de vista. A maneira como ele observa e comenta os eventos é de suma importância. Da mesma forma, deve-se ter atenção redobrada quanto às motivações de Deus que ele expressa. O narrador conhece a opinião de Deus, seus sentimentos e suas intenções, tanto quanto conhece os personagens de sua história. Exemplo de conhecimento privilegiado do narrador: Gênesis 31.32; de conhecimento da emoção: 1Reis 1.50; de conhecimento da vontade: Ester 3.6.

3.2 Os personagens

Os personagens são de extrema importância porque muitas vezes eles expressam o ponto de vista do narrador. Deve-se prestar atenção ao que é destacado acerca de um personagem – quais qualidades são exaltadas, que falas e atitudes são registradas –, enfim, quais são os valores e normas explicitados por eles no texto. A maioria dos personagens é completamente desconhecida na vida real e em inúmeras ocasiões não há nem mesmo textos externos que comprovem algo acerca deles. O que se tem está no texto. Por isso é tão importante distinguir reflexão pessoal de compreensão textual.

Alguém pode ler a Bíblia e começar a imaginar como seria a mãe de Abrão, como teria sido sua educação e sua vida religiosa, para entender melhor porque Abrão era tão obediente (Gn 11.26-12.1). Entretanto, a fim de compreender o texto é preciso lidar com as informações que estão lá, pois elas convergem ao ponto de vista desejado.

³¹ RUNGE, S. A discourse grammar of the Greek New Testament: A practical introduction for teaching and exegesis. Logos Research Systems, Inc., 2010, p. 6. Para ler mais sobre as bases linguísticas para esta conclusão de que “escolha implica significado”, ver ANDREWS, E. *Markedness theory: the union of asymmetry and semiosis in language*. Durham, NC: Duke University Press, 1990.

Assim, com relação aos personagens também será importante observar se há algum destaque para sua aparência externa (1Sm 9.2), pois esta evidência – neste caso a aparência – pode apontar um caminho interpretativo (1Sm 16.7). Desta forma, traços de personalidade, habilidades e aspectos morais são todos elementos a serem observados.³²

3.3 O plano

O plano tem a ver com a ordem na qual os eventos foram organizados. Uma história é composta por cenas escolhidas. Isto implica que houve omissões no processo de escolha do que melhor representaria o ponto de vista pretendido pelo narrador. O plano é organizado de modo a envolver o ouvinte/leitor. A narrativa pode ter apenas um incidente (2Rs 4.1-7) ou diversos, como os que ocorrem em ciclos mais longos. Por exemplo, o ciclo da história de José (capítulos 37-50 do livro de Gênesis). Sejam ciclos mais longos, consequentemente envolvendo mais conflitos, ou ciclos curtos, mas igualmente com mais de um incidente, deve-se estar atento ao tipo de relação que existe entre eles. As principais relações são de causa e efeito, paralelismo ou contraste.

A existência de um plano implica que a história possui um começo, um incidente, uma resolução e um fim.³³ Estes dados em um plano são geralmente chamados de elementos padrão em uma narrativa. Deve-se também estar atento às fórmulas utilizadas nos planos.³⁴

3.4 O tempo e o espaço

Uma história é curiosa quanto à questão do tempo. A história se desenrola no tempo e no mesmo instante o tempo se passa dentro dela. Em virtude desta dupla ligação com a temporalidade, o leitor precisa da primeira e da última palavra de uma história, à medida que a trama é desenvolvida. Isto permite ao narrador aumentar ou reduzir o interesse e a tensão, ao explorar a ignorância temporária do ouvinte/leitor. Este mesmo leitor precisa estar muito atento ao tempo dentro da narrativa, pois ali o narrador é capaz de “mexer” com ele. Ele pode acelerar ou desacelerar, avançar e retornar no tempo. Em meio a estas sutilezas ainda se tem o tempo narrado, o qual é subjetivo e pode nunca deixar transparecer seu aspecto temporal mais corriqueiro (passado, presente e futuro).

O leitor sempre deve prestar atenção à duração do tempo (Gn 7.12), ou a que momento ele se refere (Gn 24.11), a fim de discernir o seu grau de

³² Ver o excelente trabalho de Yan Huang em seu livro HUANG, Y. *Anaphora: a cross-linguistic approach*. Oxford: University Press, 2000. Nele Huang explora a capacidade do ouvinte/leitor de reconhecer palavras que já tenham sido ditas no discurso. Neste processo os personagens e os verbos associados a eles apresentam certas marcas que auxiliam o leitor a seguir os participantes em cada processo discursivo.

³³ FREYTAG, G. *Freytag's Technique of Drama*. Ayer Publishing, 1968, p. 1-18.

³⁴ ALTER, R. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 79-101.

importância na história. Uma descrição temporal pode ser considerada como sem importância, mas sua indicação deve sempre fazer com que o leitor queira saber por que foi registrada (1Rs 2.38-39).

3.5 O estilo

O estilo é inseparável do significado. Ele enriquece ou enfatiza o significado principal encapsulado nas orações e, devido à carga afetiva atrelada a ele, também costuma determinar a atitude do leitor. Não existe oração sem estilo; se uma sentença for modificada, ainda que levemente, por um sinônimo, por uma mudança gramatical ou por alterar a ordem das palavras, o estilo será imediatamente afetado.³⁵ Por esta razão o leitor deve estar atento a palavras que não sejam comuns, a estruturas infrequentes ou a expressões consagradas.

O leitor deve sempre estar atento ao ritmo da história. Longos períodos de tempo podem ser contados em um versículo, e um dia pode ser descrito em vinte versos. É necessário atentar para repetições e similaridades que podem ocorrer na fonologia, na sintaxe, no nível do plano (contrastando eventos, personagens ou situações), no nível temático ou em outro nível.³⁶

4. AS FERRAMENTAS EM AÇÃO

Duas passagens conhecidas – Abraão oferecendo Isaque em sacrifício (Gn 22.1-19) e o adultério de Davi (2Sm 11-12) – são os textos nos quais as ferramentas aqui explanadas serão aplicadas.

4.1 Há algo pior do que adular e assassinar? (2Samuel 11-12)

Quem associaria adultério a um furacão? Furacões podem destruir plantações, despovoar casas, tornar desabitado um bairro ou uma cidade, e até mesmo fazer ruir sonhos. Mas furacões começam com raios de sol e com um calor por dias e dias sobre o oceano. O ar se transforma naquele mormaço e a umidade aumenta. A pressão atmosférica é baixa e tudo concorre para um evento de grandes proporções destruidoras.

É importante estar ciente de que os leitores trazem sua experiência à leitura do texto. Assim, o que alguém sabe sobre o adultério e a devastação que ele produz é uma experiência ou conhecimento do qual você não pode se dissociar. A prática do adultério produz dois tipos de devastação. A segunda é bem conhecida, que é quando todos ficam sabendo! Famílias são destruídas, lares ficam desertos, quartos desabitados e muitos sonhos alcançam o chão. Entretanto, a prática do adultério produz uma primeira devastação. É quando os amantes desfrutam um do outro em algum lugar.

³⁵ JAKOBSON, R. *Selected writings*. Berlin: Walter de Gruyter, 1988, p. 43-44.

³⁶ STERNBERG, M. *The poetics of biblical narrative: ideological literature and the drama of reading*. Indiana University Press, 1987, p. 365-440.

A atitude do adultério, inicialmente, não parece ser uma ameaça, ainda que envolva mentir para Deus, para si mesmo, para o cônjuge, para a família, para os amigos e para o trabalho. Ainda assim, um adúltero dirá em sua ignorância acerca das forças devastadoras: “Isso é problema meu!”

Ainda que nesta brevíssima introdução alguém possa ter uma ideia da força destruidora do adultério, há algo que antecede a sua prática. O problema é que a segunda forma de devastação toma a frente de tal modo que não permite que haja uma reflexão acerca do que o antecede – o grande problema.

Há uma série produzida nos Estados Unidos chamada *Os Vegetais* (VeggieTales), que é uma animação por computador com temas tirados da Bíblia, produzida para crianças. Nesta série há uma história cujo título é “O rei George e seu patinho”. Ela se baseia no texto de 2Samuel 11-12. A mensagem da história de Davi, de acordo com *Os Vegetais*, é que o rei George (análogo a Davi) estava sendo egoísta. Ao contrário, ele deveria pensar no seu próximo.

O desenho, a produção, tudo é excelente! Entretanto, um leitor treinado se perguntará: Será esta a mensagem de 2Samuel 11-12? Certamente o egoísmo é uma atitude que pode ser quase que mensurada externamente, mas o que teria posto o rei em perigo? O que ocorreu antes e que fez com que o egoísmo ganhasse espaço? Vamos lançar mão das ferramentas aprendidas até aqui.

4.1.1 O plano e o narrador revelado nas cenas

Observe como leitor que os capítulos 11 e 12 do segundo livro de Samuel formam uma unidade com começo, meio e fim (o que é chamado de perícopo). Veja a marca temporal “decorrido um ano” em 11.1, além da mudança de cenário em relação ao capítulo 10, com a mudança de protagonistas e de assunto. Aliás, a manutenção destes elementos é o que coloca o capítulo 12 junto com o capítulo 11. Ao ler o capítulo 13 percebe-se que haverá outro ambiente e outros protagonistas e problemas. Percebe-se, portanto, a existência de um plano com começo (introdução com a descrição da ocasião e a ausência do rei na guerra), um incidente principal (desejar uma mulher formosa que não era sua esposa), uma resolução (que na verdade se torna em outro problema com o planejamento da morte do marido da mulher e o posterior acolhimento da viúva no palácio) e um fim (a fala de Deus através do profeta) que situa o rei no processo de guerra, de onde estava ausente no início da narrativa.

Há muita movimentação verbal e o tema chama a atenção. O narrador se faz presente desde o princípio, mas ele está de tal forma imerso no texto que nem é notado. Percebe-se sua onisciência porque ele descreve o apetite mais profundo de Davi e sabe o que o rei fez em sua solidão (11.2).

4.1.2 O estilo, o tempo e o espaço como recursos literários

A história do adultério de Davi com Bate-Seba não parece ser o ponto focal, apesar de ocorrer com velocidade incrível! Em apenas cinco versículos

(2Sm 11.1-5) tem-se um rei ocioso, vendo uma mulher formosa, chamando-a, deitando-se com ela, e um recado posterior dela comunicando que está grávida.

Rapidez e atos impensados combinam com essa velocidade descritiva. Entretanto, a resolução do problema exige tempo para planejar. E ocorre desta forma. Vinte e dois versículos depois (2Sm 11.6-27) está resolvido o problema. Planejamento requer mais tempo, e assim a história o faz. Encobrir pareceu ser uma boa solução para que a mentira não viesse à tona.

4.1.3 Os personagens

O ponto de vista do narrador é bastante destacado ao se observar como descreve os personagens. O soldado Urias e os comandantes de Davi são leais e devotados. Urias, especificamente, é incapaz de se deitar com sua mulher ao saber que seus amigos estão na guerra, onde ele e Davi também deveriam estar. Urias é um contraste absoluto com o rei Davi, cujo apetite era imoderado e não resistiu à formosura da mulher. Urias é como um antagonista cujas virtudes estão descritas de modo a destacar o caráter de Davi. Aliás, com relação à mulher, sequer seu nome exato é dado – “sétima filha” (Bate-Seba); antes, é descrita como formosa. A razão não é o desprezo pela figura feminina ou o machismo! A descrição de sua formosura pretende apenas dar relevo ao que ocorria no coração de Davi em sua cobiça.

Posteriormente há o registro de que o rei Davi aprendeu a lição. No livro de 1Reis, Abisague, a sunamita, era uma “jovem sobremaneira *formosa*; cuidava do rei e o servia, porém o rei não a possuiu” (1.4).

4.1.4 Um ponto de vista especial

Como em toda história, há diversos pontos de vista, mas um em particular interessa aqui: o de Deus. As narrativas bíblicas são histórias que operam dentro da história da redenção de Deus. Ele mesmo moveu pessoas para que tivéssemos registradas as narrativas a fim de instruir seu povo em todas as épocas.

Nesta história o ponto de vista de Deus se revela através do profeta Natã. Deus não aprovou nada do que acontecera. A primeira devastação havia ocorrido. Agora, a segunda começa a se desenhar no horizonte. Deus envia um profeta para enfrentar o rei. O profeta conta uma parábola que opõe um rico e um pobre. A parábola claramente reforça a enormidade da ofensa do rico, que possuía muitos bens e animais. Não obstante, este toma a única ovelha, a ovelha de estimação do pobre, para preparar um jantar para seu hóspede. Quem tinha tudo tomou de quem tinha muito pouco.

4.1.5 Conclusão

A fala do profeta, boca de Deus, revela aquilo que é pior do que o adultério. Pior até mesmo do que o planejamento da morte do soldado Urias. Observe que o profeta conta e interpreta a parábola ao rei, esclarecendo que ele era o

homem que Deus fizera rico, mas que roubara o pobre soldado. O diagnóstico foi: “Por que, pois, desprezaste a palavra do SENHOR, fazendo o que era mau perante ele?” (2Sm 12.9). O que antecedeu o furacão na vida de Davi foi o *desprezo à Palavra de Deus*.

Uma conclusão possível, portanto, é que abandonar a Palavra de Deus, deixar de dar ouvidos à sua voz, é uma situação de alto risco – o que combina com outras passagens da Escritura (Gn 3.10,17; 22.18; Nm 14.22; Dt 8.20). Além disso, também se pode concluir que o caminho é espinhoso para quem não se satisfaz com o que Deus dá. Há muitas propostas e pessoas constantemente procurando despertar apetites. É preciso estar atento, pois no momento em que a Palavra de Deus não for suficiente, no instante em que alguém começa a sentir que Deus está boicotando seu projeto de felicidade, que se deveria ter mais do que se tem, e que então é preciso tomar uma atitude independente, pois Deus se transformou em empecilho às realizações, este será o caminho que conduzirá apenas à morte.

A história infantil do rei George, do seriado *Os Vegetais*, poderia ser corrigida da seguinte forma: nada precisa ser alterado na história, exceto as falas do final. Ao final deveria ser ressaltado que deixar de ouvir a voz de Deus equivale a se colocar em grande perigo.

4.2 Testado e aprovado! (Gênesis 22.1-19)

Na fase adulta os testes são sempre muito assustadores. A ousadia infantil e a coragem juvenil já passaram por provas suficientes para perceber que a vida é repleta de testes difíceis. Os testes escolares são diminutos comparados aos testes amorosos, financeiros, de persistência, confiança, amizade, fidelidade, paternidade e fé. Aliás, a escola, com seus diferentes tipos de testes, em geral preparam as pessoas para um emprego, para servirem em alguma profissão. Contudo, a ocupação de alguém é apenas um aspecto de sua vida. Em meio a ela e além dela há um universo de questões: E se não der certo? E se não for aprovado? E se não nascer? E se nascer? Como será o amanhã? Visto isto ou aquilo? Vingo ou deixo passar? Reclamo ou engulo? Ligo ou ignoro? Compror ou alugo?

O texto de Gênesis 22.1-19 deixa bem claro que Abraão seria duramente testado. Com cerca de 75 anos iniciou sua carreira como crente em Deus. Agora, com mais de 100 anos, ainda passa uma experiência que o testa profundamente. Pode-se afirmar, sem medo de errar, que este foi o teste mais difícil de sua vida.

Neste texto há uma atitude que é fonte para enfrentar o universo de questões vivenciais e que dá apoio para que alguém consiga se sair bem nos testes, em qualquer um! E esta atitude não é aprendida nas artes matemáticas, nas artes linguísticas, nas artes sociais, nas artes econômicas, nas artes jurídicas ou nas artes éticas. Esta atitude fundamental, por definição, antecede todas as esferas da vida e a todas influencia. Gênesis 22.1-19 pode ser a chave para descobrir que atitude é esta.

4.2.1 Gênesis 22 no plano do “ciclo de Abraão”

Este teste ao qual Abraão foi submetido não pode ser visto de maneira isolada. O narrador explicitamente inicia esta história revelando que é um teste dado por Deus. Por que ele faz isso?³⁷ Abraão já não passara por muitos testes, por outros momentos difíceis?³⁸

Um personagem como Abraão, com um plano mais complexo de incidentes, requer que se tenha em mente todo o ciclo (aqui chamado de “ciclo de Abraão”), tendo assim uma boa noção do que ele já passou na história da redenção.

Assim, para melhor compreender Gênesis 22 é preciso ter uma percepção, ainda que panorâmica, de sua caminhada com Deus. O texto sob estudo registra um pesado teste dado por Deus, mas Abraão já vinha sendo trabalhado por Deus há várias décadas. Considere as situações anteriores pelas quais passou. Observe a diversidade de esferas (áreas da vida) pelas quais transitou. Ele não tirou nota máxima em todos os testes, mas a sua média foi muito boa!

Observe como este ciclo de Abraão é mais complexo, pois perceber o plano maior esclarece muito acerca do personagem, seu caráter e o modo como responde a Deus. Seguem abaixo panoramicamente as situações anteriores nas quais Abraão já fora testado:

- *Teste 1 – O teste familiar* (Gn 12.1-4): deixar a família e ir para onde não sabia, em obediência ao chamado de Deus. Abrão atendeu prontamente, mas não plenamente. Em lugar de deixar toda a grande família levou seu sobrinho Ló.
- *Teste 2 – O teste da fome* (Gn 12.10–13.1): expor-se e à sua família a uma situação de carência por ter obedecido a Deus. Abrão tomou uma decisão sábia, a de buscar uma solução para a fome, e outra tola, a de mentir quanto ao fato de sua esposa ser, de fato, sua mulher, por causa do medo das pessoas.
- *Teste 3 – O teste de relacionamento* (Gn 13.2-13): deixar um parente escolher a melhor parte em nome do bom relacionamento não parece ser uma atitude comum. Observe que a cada vez que Abrão obedecia a Deus de modo mais completo, as promessas eram renovadas e ampliadas (Gn 13.14-18).
- *Teste 4 – O teste da coragem* (14.1-17): Abrão era homem capaz de guerrear quando isto fosse preciso.

³⁷ Este panorama não tem em vista tratar de aspectos como estes mais pormenorizadamente. Pessoalmente creio que a cena, no caso o pedido de Deus para que Abraão sacrifique Isaque, é tão extraordinária que, a despeito de Abraão ter sido testado inúmeras vezes, neste caso, em virtude do pedido peculiar, era necessário garantir que era Deus mesmo quem o estava testando.

³⁸ NEUSNER, Jacob. *The Babylonian Talmud: A translation and commentary*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2011, vol. 16, p. 471 (b. Sanh. 10:5, III.7.M).

- *Teste 5 – O teste do dinheiro fácil* (Gn 14.18-24): Abrão sempre acreditou que Deus era, de fato, seu provedor. Assim, não aceitou o dinheiro do rei de Sodoma e reconheceu Melquisedeque como sacerdote do Deus altíssimo; em lugar de receber, de tudo deu a décima parte em oferta.
- *Teste 6 – O teste da paternidade* (Gn 15): neste teste inicial ele detecta o problema, não ter filhos, e o apresenta a Deus. Deus uma vez mais reafirma sua promessa e a amplia. Os anos estão passando. Abraão e Sara já estão bem idosos. Silenciosamente esperam pela promessa.
- *Teste 7 – O teste da perseverança* (Gn 16): o silêncio é quebrado depois de 10 anos de espera! Sarai conclui que Deus mesmo a impediu de ter filhos. Assim, passa a ouvir sua própria voz e se esquece da voz de Deus que prometeu dar um filho a ela de seu esposo Abrão. Abrão tem um filho da escrava, mas a julgar pelos problemas em casa, parece não ter sido uma boa ideia esquecer-se das promessas de Deus mesmo depois de 10 anos de demora!
- *Teste 8 – O teste da confiança* (Gn 17): treze anos mais e nada ainda. Já são 23 anos esperando a promessa de Deus, que é renovada aqui. Novamente tem-se reafirmação e ampliação da promessa. A mudança de nome de Abrão para Abraão e de Sarai para Sara testa a confiança em Deus. Afinal, somente confiando em Deus para que uma mulher conceba aos 90 anos! A atitude de Abraão mostrou sua confiança.
- *Teste 9 – O teste dos ofícios profético, sacerdotal e real* (Gn 18): Deus sempre informa seus servos profetas acerca do que pretende fazer (Am 3.7). Ao saber das ações de Deus, Abraão intercede, e recebe dele a incumbência real de ser exemplo e ensinar o caminho da justiça e do juízo (Gn 18.19).
- *Teste 10 – O teste de reflexão* (Gn 19): Abraão observou que o que Deus fala, Deus faz. O julgamento anunciado veio sobre algumas cidades. Já se passaram mais de 20 anos sem o filho da promessa, mas ele aprende que o que Deus fala, ele faz.
- *Teste 11 – O teste da confiança* (Gn 20): Abraão confiou em Deus, mas presenciar uma cena de destruição não é fácil. Deus sabe o que está fazendo, mas sua família correu muitos riscos. Abraão se afasta da região de Sodoma e vai em direção ao Mar Mediterrâneo. Como lidar com tribos que habitam por ali? Expôs-se e à sua família a uma situação de risco enquanto tentava discernir a ação de Deus. Tomou uma decisão nada sábia e novamente mentiu quanto à sua esposa ser, de fato, sua mulher. Assumiu sua mentira e intercedeu pela casa à qual trouxe problemas.
- *Teste 12 – O teste da paternidade renovado* (Gn 21.1-21): quase 25 anos e a promessa chegou! Nasce Isaque de um senhor de 100 anos

e de uma senhora com 90 anos. Depois de ser desmamado, Isaque deveria ter entre um e três anos. Isto significa que Ismael, seu filho com a escrava, tinha entre 15 e 17 anos. A promessa seria dada a Isaque. Assim, Abraão manda embora seu filho Ismael e a serva Hagar, a pedido de sua mulher. Deus é o Deus que vê. Ele vê a situação de todos e de cada um. Ele ouve os clamores, ele faz justiça em meio à injustiça humana. Agora a família é somente pai, mãe e um filho.

- *Teste 13 – O teste da água* (Gn 21.22-34): água na região de Canaã significa vida e morte. Esta temática do poço sempre volta. Sempre resulta em briga. A família de Abraão está prestes a saber o que realmente concede vida. Abraão resolve o problema do “Poço 7”, Berseba (por causa das sete cordeiras do acordo), e invoca o nome de Deus, reconhecendo assim sua soberania.
- *Teste 14 – O teste de vida e morte* (Gn 22): depois de resolver um assunto vital, o gerenciamento de recursos hídricos, Abraão se depara com algo realmente capital. Por ser um teste muito difícil, o narrador antecipa que é um teste, para que não se pense que Deus não sabe o que está fazendo! Deus prometera a Abraão que lhe daria um filho. Ele cumpre a promessa depois de cerca de 25 anos. Decorridos outros prováveis 10 anos, Deus pede a Abraão que sacrifique Isaque! Abraão atende e se dispõe a fazer o que foi ordenado.

4.2.2 O personagem Abraão

Pode-se perceber que Abraão é retratado como homem de poucas palavras, somente tendo se excedido ao cumprir seu papel sacerdotal para com duas cidades, Sodoma e Gomorra. Em geral ele responde assertivamente à fala de Deus. O foco de Abraão está sempre em sua promessa por ter sido ele quem prometeu.³⁹ O foco dado pelo narrador, portanto, destaca o caráter obediente de Abraão e sua firme convicção sobre a promessa de Deus, e não em explicações para os testes. Abraão acreditou na promessa de Deus quando não sabia aonde ia, quando não sabia quando e quanto tempo moraria em determinado lugar, quando não sabia como seria pai e quando não sabia o porquê de entregar seu filho em sacrifício.

Dois textos do Novo Testamento são de muita ajuda para imergir ainda mais na compreensão do personagem Abraão – Hebreus 11 e João 8.58. Neles, devido ao *principium cognoscendi internum*, sabe-se mais acerca da confiança que Abraão possuía. O texto de Hebreus propicia aquela perspectiva de co-

³⁹ Há estudos que apontam uma relação interessante entre Jó e Abraão com respeito a ambos serem tementes a Deus, ou seja, a fazerem o que fizeram por amor a ele. Ver BÜCHLER, Adolf. *Studies in sin and atonement in the rabbinic literature of the first century*. Jersey City, NJ: Ktav Publishing House, 1967, p. 130-50.

nhecimento privilegiado, como a de um narrador onisciente: saber o que se passava no íntimo de Abraão:

Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas,¹⁸ a quem se tinha dito: Em Isaque será chamada a tua descendência; *porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos*, de onde também, figuradamente, o recobrou (Hb 11.17-19).

Somente o Espírito Santo de Deus poderia saber disso e oferecer milênios depois a razão sedimentada no coração de Abraão. Aliás, a mesma razão é dada por Jesus no Evangelho de João ao esclarecer aos judeus que Abraão viu o seu dia e se alegrou sobremaneira (Jo 8.56). Abraão viu a ressurreição. Ele testemunhou que Deus vê e que providencia substituição para que haja vida.

4.2.3 O estilo

O “ciclo de Abraão” é muito interessante! Em termos de estilo, é preciso estar atento quando ocorre de se ter um personagem ocupando muitas páginas. É preciso acompanhar sua trajetória para perceber o que Deus está fazendo ali. Sempre há um “e então Deus”, pois ele nunca desperdiça o resultado de um teste.

Ler a trajetória de Abraão auxilia a perceber um dos elementos que caracterizam o estilo – termos chave. Em Gênesis 12.1 tem-se o termo chave “Sai... e vai”, e em Gênesis 22.2 ele ocorre novamente apenas como “Sai” na língua portuguesa. Em ambos os casos é utilizada a rara expressão *lek l'ka*, que serve “de ponte entre as duas narrativas sobre Abraão”.⁴⁰ Assim, o texto sob estudo mostra que Abraão recebeu aprovação de Deus e ainda novas garantias da aliança prometida. Certamente ele voltou de seu teste com um amor muito mais profundo por Deus, além de ter aprendido de forma mais densa que “Deus vai ver”.

4.2.4 Conclusão

Pode-se concluir que em meio a todo este aprendizado está a atitude que é fonte para enfrentar o universo de questões vivenciais, e que dá apoio para que alguém consiga ir bem nos testes, em qualquer um! Esta atitude, aprendida nesta história, antecede a todas as esferas da vida e a todas influencia. Ela se chama adoração. Sacrificar aquilo que a pessoa mais ama por causa de um amor muito maior, esta é a essência da adoração. Jesus não ensinou isto em João 12.25? Adaptando suas palavras, se Abraão amasse apenas seu filho, ficaria só; se amasse a Deus acima de tudo veria a vida aqui e a vida eterna.

⁴⁰ BAR-EFRAT, op. cit., p. 212-13.

Assim, a atitude mais contundente aprendida aqui, e que deve permear todas as outras ações e esferas, é que o melhor que alguém pode fazer é adorar a Deus.

Lembre-se que essa história foi contada por Moisés ao povo que saía do Egito e que se dirigia à terra prometida. Lá, cercados por muitos atrativos, seria muito tentador deixar de adorar a Deus acima de tudo e amar as coisas, as pessoas, os lugares e as tradições. Para citar um comportamento trivial contemporâneo como uma aplicação despojada do significado do texto estudado, perguntaria: Não há muitos por aí entendendo que o colchão propicia mais descanso no domingo do que ir adorar a Deus publicamente? O melhor que alguém pode fazer é adorar o Criador do céu e da terra.

CONCLUSÃO

A revelação de Deus por escrito, a Bíblia, certamente é o livro mais impresso no mundo, embora esta afirmação seja difícil de ser comprovada. Parte desta dificuldade relaciona-se à ausência de relatórios de venda confiáveis, e ao fato de que muitas Bíblias são distribuídas gratuitamente, sendo publicadas por centenas de editoras diferentes.

Apesar disto, como observou J. P. Fokkelman, “o livro mais lido no mundo não é necessariamente o livro melhor lido”.⁴¹ Ler melhor significa ler com o espírito aberto ao que o texto diz, especialmente tratando-se da revelação de Deus. Isto significa ler com o intuito de comparar, verificar, acompanhar eventos ou personagens, e até mesmo parar de ler a fim de localizar-se geograficamente ou para esclarecer-se quanto a algum vocábulo desconhecido.

Os elementos aprendidos aqui: narrador, personagens, plano, tempo e espaço, e estilo, não produzirão certezas absolutas. No entanto, produzirão uma aproximação mais contígua ao significado do discurso. Há uma frase atribuída a Aristóteles,⁴² que diz: “O todo é mais do que a soma de suas partes”. Esta máxima assiste o leitor a perceber que a busca do significado, da mensagem não é meramente a soma de narrador, personagens, plano, tempo e espaço, e estilo. O significado ou mensagem não é um produtor maior ou menor, mas é algo maior que dá sentido às partes. Esta máxima também auxilia o leitor a perceber as partes de uma história, e a lembrar-se que a história da redenção não é simplesmente uma coleção de histórias. Neste caso, quanto a ser a história da redenção, certamente há mais do que as partes que foram registradas por escrito.

Neste final cito as dez perguntas que Fokkelman faz em seu livro (de forma adaptada), no intuito de guiar o leitor em uma leitura produtiva:⁴³

⁴¹ FOKKELMAN, op. cit., p. 8.

⁴² Alguns autores simplesmente afirmam que estes dizeres estão na *Metafísica* de Aristóteles. Entretanto, esta máxima não se encontra em tal obra.

⁴³ Ibid., p. 25.

1. Quem é o herói (o personagem principal)? Em que você se baseia para a sua conclusão?
2. Qual é o desafio? Qual o incidente? O que se procura?
3. Quem são os antagonistas, os opositores? O que eles ressaltam na trama principal da história?
4. A presença do narrador é detectável no texto? Este aspecto auxilia o leitor a separar informação de comentário, explicações de valores expressos?
5. A cronologia dos eventos é clara? Se não for, onde ocorre o desvio, e por que ele teria ocorrido?
6. Onde estão os “espaços em branco” na história? O que foi acelerado ou retardado? Houve informação recuperada do passado ou alguma situação que é antecipada do futuro? Como isto se relaciona com o contexto?
7. Há um plano claro, ou a parte lida é parte de um plano ainda maior? Qual é o macroplano, então?
8. Há muitos diálogos? Há alguma parte do diálogo que parece estar ausente? Sobre o que e quem fala?
9. Há alguma escolha de palavras que chama a sua atenção, algo no estilo ou na estrutura?
10. Que dispositivos parecem ser os que demarcam a unidade de seu discurso? Considere os dados com respeito a tempo, espaço, início ou fim de uma ação, ou a entrada e saída de personagens.

Este artigo teve em vista leitores que não possuem o domínio da língua hebraica. Em um próximo artigo serão explorados estes mesmos aspectos literários, mas a verificação se dará explorando as últimas propostas de estudo do sistema verbal hebraico.

ABSTRACT

This article intends to explain some basic aspects of the literary traits of narratives found in the Bible, equipping the reader with tools that will reveal new angles of well-known biblical stories. Since more than one-third of Scripture consists of narratives, it will be interesting and important to take ownership of some tools that will guide the work of reading.

KEYWORDS

Narrative; Literary analysis; Interpretation; Hebrew verbal system; Bible; Redemptive history.